

*Luciana Pessanha*

Que tipo de homem escreve  
uma história de amor?

Rocco

**Quando você começar a ler este livro**, eu já estarei morto.

Sei que é rodrigueano começar uma história assim, mas é fato: quando você abrir esta página numa livraria ou no sofá da sua casa, não estarei mais no reino dos vivos – o que talvez faça com que este livro seja um estouro de vendas, já que o mercado adora histórias tristíssimas baseadas em fatos reais. De qualquer forma, não se culpe por sua morbidez. Foi uma escolha consciente, tranquila e deve ser celebrada.

Minha morte acontecerá pouco antes do lançamento. A mulher que mais amo no mundo, a única que amei de verdade, a musa que habitou meus sonhos a vida toda, vai me matar.

Ou talvez a outra.

Ou talvez eu mesmo me mate.

Não importa. A questão é que não estarei mais aqui – o que me privará de tornar reais todas as entrevistas imaginárias que já dei ao Edney Silvestre, à Marília Gabriela, ao Jô Soares. Acho injusto não poder aproveitar a glória com que sempre sonhei. Mas quem disse que a vida é justa?

A história que vou contar começa no início dos anos 1980. No entanto, decidi pular os *mullets*, The Police, Joy Division, New Order, Echo & The Bunnymen, The Cure, The Smiths, Blitz, Barão Vermelho, Lobão e as mulheres de ombreiras, para cair, vinte anos depois, no dia em que parei de fugir do meu destino e resolvi virar escritor.

O ano era 2005, e eu, jornalista de uma emissora de televisão de audiência insatisfatória, 34 anos, relativamente bem remunerado e profundamente infeliz. Para você ter

uma ideia, até julho daquele ano eu já havia noticiado o mensalão e o esquema de Marcos Valério; a prisão do filho do Pelé, suspeito de tráfico de drogas; a posse de George W. Bush em seu segundo mandato; o tsunami; a absolvição de Michael Jackson nas dez acusações das quais se defendia num tribunal nos EUA; o fim da parceria Gustavo Kuerten e Larri Passos, seu treinador; o casamento de Ronaldo Fenômeno e Daniella Cicarelli; a excelente colheita dos vinhos do Dão – meu único jabá do ano; as mortes de João Paulo II, Susan Sontag, Dona Benta, Bezerra da Silva, Arthur Miller e da freira Dorothy Stang; e já tinha ouvido algumas dezenas de frases como a seguinte pérola do então deputado do Partido Progressista, Severino Cavalcanti: “Prefiro o Ministério da Fazenda, que é pra gente tomar conta logo de tudo.”

Como você pode imaginar, eu já estava pela tampa.

A gota d’água veio mesmo em julho, quando, indignado, tive que anunciar, ao vivo, na bancada do jornal da madrugada, onde fazia *stand in* naquela edição, que o São Paulo tinha vencido por quatro a zero o Atlético Paranaense, vitória que o fazia campeão da Libertadores da América e o levaria a disputar o mundial interclubes no Japão, em dezembro. Um verdadeiro acinte para um flamenguista de raiz – o que era o meu caso.

Ao que tudo indica, pelo menos foi o que ficou registrado no memorando da direção do departamento de jornalismo da emissora, eu perdi a isenção e, “visivelmente alterado”, não pude manter a imparcialidade – exigência básica do bom jornalismo. Isso para não citar “a inadmissível contrariedade” ou “a expressão de desdém” até chegar à “ausência total de profissionalismo”, que finalizava o documento.

Depois dessa espinhafrada, que rodou como um carrossel nos corredores da emissora, as coisas ficaram pretas para o meu lado. Nada que uma geladeira de alguns meses não tivesse contornado, não fosse o meu chefe um são-paulino doente, que não aceitou muito bem o – desta vez inteiramente alterado – “Fodam-se vocês e esse timeco de mauricinhos” que mandei ao ler a tal circular.

Resultado: cartão vermelho. Demissão por justa causa. Fui expulso de campo sob vaias da torcida.

Não que eu andasse mostrando os buracos da cidade na maior boa vontade ou que conversasse com o Rei Momo passando a maravilhosa energia do Carnaval ou que lesse as notícias sobre política no *teleprompter* sem uma expressão indubitável de *déjà-vu*. A verdade é que eu não aguentava mais a realidade. Mas me botar na rua por causa do São Paulo?, puta que os pariu! A vida é realmente injusta.

Fodam-se, pensei. Vou finalmente escrever o meu livro.

Naquele mesmo dia, no café em frente à emissora, minha namorada, a Garota do Tempo do jornal da madrugada, decidiu que a nossa relação não estava indo para lugar nenhum e me dispensou. Não precisei de mais de três minutos para entender que o que “não estava indo para lugar nenhum”, na nossa relação, era o meu futuro como provedor.

– Eu queria me casar com o editor do jornal! Meu sonho era sentar ao seu lado naquela bancada, toda noite. Nós dois, os representantes da verdade, batendo a audiência do casal da concorrência, um feito inédito na história do telejornalismo. E agora você me vem com essa de escritor? Você só pode estar variando! Aonde é que você acha

que vai, sendo escritor? Eu lá sou mulher de homem pobre, neurótico e fumante? Ah, não!

– Bia, eu parei de fumar! – repliquei.

– Problema seu!

E foi-se embora. Melhor assim. Se era para ser livre, que eu fosse totalmente desimpedido.

O único problema é que a liberdade é cara. E bem cara. Sem o fundo de garantia, meus rendimentos, que se reduziram a zero, deixaram de combinar com a vida yuppie de jornalista relativamente bem remunerado e profundamente infeliz que eu levava. Ou seja: se continuasse pagando o aluguel do apartamento de três quartos na Lagoa com vista para o Cristo e dirigindo meu Ford Ecosport 2004 que seria quitado em vinte e cinco meses, a verba para me dedicar à escrita do meu primeiro romance duraria a eternidade de cinquenta e seis dias. Não sendo eu um Nelson Rodrigues, menos de dois meses é muito pouco tempo. Principalmente para alguém que acalentava esse sonho havia, pelo menos, dez anos.

Não sei se acredito em sincronicidade, em Goethe ou em Paulo Coelho, mas o fato é que, segundos depois de me dar conta de que meus dias de escritor estavam contados antes mesmo de começarem, o mundo começou a conspirar a meu favor. E o telefone tocou.

– Ana? Não acredito que é você!

Nessa época, Ana já havia desaparecido do Rio há quase um ano, num surto de escapismo que a fez abandonar o projeto de também se tornar escritora, além de um apartamento bem razoável no Jardim Botânico. E não é que, de-

pois de dois meses sem dar notícias, era ela do outro lado da linha, do outro lado do mundo, do outro lado da sorte?

– Eu é que não acredito em você, Daniel. Largar tudo pra virar escritor? Ficou louco?

– Como você descobriu?

– Tenho minhas fontes.

– Quem?

– Como é que você faz uma besteira dessas?

– Tá falando de quê? De mandar eles se foderem, de ficar sem emprego, de finalmente parar pra escrever um livro ou o quê?

– Porra, Daniel, de tudo!

Nunca admirei a capacidade de Ana de não deixar barato.

– Olha quem fala – retruquei.

– Te falo de cadeira: largar emprego pra ser escritor é uma bobagem do século XIX. Romantismo decadente. É ridículo. Ninguém mais quer ler livro. Muito menos escrever. É difícil, chato, dói e não serve pra nada. Se tava de saco cheio, por que não inventou um programa de aventura ou se candidatou a editor de um programa de esporte?

– Porque não aguento mais ser imparcial. Eu quero me comprometer.

– Então por que não propôs uma mesa-redonda de futebol? Você podia defender o Flamengo, dizer que o videotape é burro, xingar o juiz ou, sei lá, vai ser apresentador de reality show!

– Ana, vá se foder.

– Como é que você vai fazer?

– Não sei. Vou entregar o apartamento e mudar pra uma pensão em Santa Teresa.

– Ah, tá, agora você vai ter ambições do século XIX e levar uma vida dos anos 1970.

– Junto com você, que resolveu ser heroína de *road movie*.

– Pelo menos pra isso ainda tem público.

Resolvi não responder. Ficamos em silêncio, o vazio entre os dois lados da linha. Um silêncio que nos era antigo conhecido, de quando, resignados em concordar em discordar, ainda assim, meio putos um com o outro, escolhíamos calar juntos.

– Quer ficar lá em casa? – ela disparou. – Você só precisa pagar as contas e o condomínio, que é baratinho. Mas as minhas coisas estão lá e não vão sair.

– Quando você volta?

– Daqui a um ano, dois, dez, nunca. Vai demorar. Pode ficar tranquilo que vai dar tempo de você escrever o seu livro.

Foi assim que tudo o que eu tinha foi parar num guarda-móveis e acabei num apartamento com paredes cor-de-rosa e azuis, pufe vermelho, entupido de almofadas coloridas e vestidos no guarda-roupa, cercado de fotos estranhas, como se tivesse entrado inteiro dentro de uma mulher.

Não fosse eu um idiota, teria percebido que essa história não poderia dar certo.